

Trilhando o caminho

*atualizado em maio de 2017

O caminho não existe realmente a menos que estejamos disponíveis. É como se fôssemos o operário que trabalha na construção da estrada, o topógrafo e o viajante, tudo ao mesmo tempo. À medida que progredimos ao longo da estrada, ela vai sendo construída, o levantamento topográfico e a locação vão sendo feitos e nos tornamos viajantes.

~ Chogyam Trungpa¹

Apresentação

Existem várias formas de se apresentar o Dharma. É dito que o Buda histórico - o Buda Sakyamuni - proferiu o equivalente a 84 mil ensinamentos durante sua vida. Por vezes, nos textos clássicos, ele é comparado a um médico, é intitulado “O grande rei da medicina.” Se diz que o Honrado pelo mundo oferecia um “remédio” para o momento atual de cada ser de modo que cada aflição mental pudesse ser pacificada, curada, purificada, clarificada e iluminada. Ainda hoje, com a motivação bodicita fervente, os bodisatvas se movem em meio às aparências, em meio aos seres e seus mundos de transmigração, sempre com a intenção de trazer benefícios diretos e indiretos. O que então significa “trazer benefícios”? Significa ajudar os seres a trilharem um percurso apropriado dentro das suas disposições mentais, criando condições favoráveis para seguirem rumo a liberação inerente ao samsara e suas contradições. Cada um terá que observar, analisar, investigar e integrar os ensinamentos ao cotidiano; ver a validade do Dharma com os próprios olhos.

Sendo assim, temos vários caminhos, todos complementares. É como um exemplo de um hospital: suponha que alguém sofra um acidente de trânsito. De modo geral, temos uma sequência de acontecimentos até que a pessoa retorne a sua condição natural de saúde. Haverá a etapa de resgate, em seguida o traslado até o hospital. Depois, o acolhimento na enfermaria, intervenção dos médicos e possíveis medicamentos, sala de repouso e observação, exames para checar se as taxas do corpo humano estão em um bom referencial, etc. É possível também que haja uma equipe com vários profissionais de diferentes áreas da medicina trocando informações e querendo ajudar, sempre visando o restabelecimento da saúde natural. Do mesmo modo, os vários caminhos, classes ou veículos (em sânscrito, *yanas*) de ensinamentos são trilhados visando a recuperação ou retorno da condição natural de Buda.

Longchenpa² descreve o treinamento da mente da seguinte maneira:

As várias categorias de *yanas* não são um sistema que apresenta teorias contraditórias ou nos conduz a diferentes objetivos: os *yanas* são todos os processos de crescimento num mesmo caminho de treinamento. Eles nos conduzem, direta ou indiretamente, ao ponto último e ao estado desperto iluminado, que é a budeidade. Por causa das diferenças nas faculdades intelectuais e predisposições dos que necessitam de treinamento, alguns podem começar nos *yanas* inferiores e progredirem de acordo com o esforço de suas experiências [no caminho].

Um seguidor comum pratica um *yana* inferior e continua a prática até estar pronto para se deslocar para um treinamento mais elevado. Pessoas que têm mentes excepcionalmente brilhantes e uma forte fundação cármica passada podem entrar diretamente nos *yanas* superiores [...]

¹ Chogyam Trungpa - As 4 nobres verdades do budismo e o caminho da libertação, p.133.

²Tradução livre do inglês para o português brasileiro de Longchen Rabjam - The Practice Of Dzogchen, p.4.

Introduzir uma pessoa presenteada num treinamento comum é uma perda de vida, energia e oportunidade, mas, igualmente, começar a partir de um treinamento muito elevado não é apenas improdutivo, mas um erro. Então, ser realista ou ter um guia sábio é [algo] muito essencial para se adentrar nos diferentes tipos de treinamento.

A razão principal de se começar os ensinamentos numa abordagem a partir da nossa verdadeira natureza é a capacidade de reconhecermos o quanto antes a nossa liberdade natural frente aos nossos obstáculos mais sutis, as obscuridades mentais. Os mestres descrevem nossa essência mais profunda sempre lembrando que o silêncio inabalável não pode ser tocado pela impermanência. O ponto é que esse reconhecimento está maculado pelas estruturas de respostas automatizadas, as estruturas cármicas, e a frustração correspondente ao estreitamento da visão (em sânscrito, *avidya*) frente a realidade circundante. Portanto, deveríamos nos questionar qual tem sido o nosso referencial ou “porto-seguro” diante das dificuldades e situações, e suas consequências.

Para enfatizar, Gampopa³ utiliza as seguintes metáforas e afirmações:

Qual é o significado do fato de que todos os seres sencientes estão permeados pela natureza búdica? Significa que não importa o quão impiedoso alguém possa ser, ainda assim existe alguma bondade amorosa e compaixão, pelo menos com a própria família. Quando o sol está no céu, não importa o quão densa seja a camada de nuvens, alguma pálida luz ainda brilhará através delas. Da mesma forma, nossa natureza búdica não pode ser completamente obscurecida, e, assim, todos temos o potencial de progredir e manifestar completamente a iluminação.

Se esta causa [causa primária ou “semente” para atingir a iluminação] não estivesse presente, não importaria quanto esforço fosse realizado, pois não haveria progresso. Por exemplo, em uma fazenda, se não houver a semente, não importa o quanto se cultive ou fertilize, pois nada irá crescer. Mas, se houver a semente, a causa primária, então a semente irá brotar quando encontrar as causas contribuintes adequadas e, em algum momento, dará seus frutos. Por outro lado, mesmo que haja a semente, se ela não encontrar todas as causas e condições necessárias não irá brotar ou crescer. Do mesmo modo, mesmo estando todos os seres sencientes permeados pela natureza búdica, a semente da iluminação, o sucesso depende de cada indivíduo. Se não forem aplicadas as causas necessárias será necessário mais tempo para manifestar o resultado desejado. ■

[...] apesar de todos os seres sencientes estarem permeados pela natureza búdica, eles não podem ser chamados de “Buda” até realizarem o estado búdico. Portanto, para alcançar a iluminação, primeiro precisamos saber que possuímos a natureza búdica, o potencial completo que não é diferente da natureza do Buda.

³ Gampopa - O Ornamento da Preciosa Liberação A Jóia que Realiza Desejos Dos Nobres Ensinamentos, p.12.

Essa é uma forma de fortalecer a autoestima e de cortar as atitudes de desesperança e desencorajamento. Com base nesta confiança, devemos aplicar estes estágios progressivos como um instrumento para manifestar completamente a natureza da iluminação perfeita. Devido ao interesse e coragem individuais, alguns alcançam a iluminação antes que os outros. Portanto, o Senhor do Dharma Gampopa descreveu cinco diferentes famílias. O Senhor Jigten Sumgön disse: “A natureza búdica é inerentemente pura e possui todas as qualidades excelentes do Buda”. Essa fala vajra é explicada em maiores detalhes em seu texto Gong Chik.

Várias perspectivas

Para ressaltar, estudaremos as cinco diferentes famílias ou caminhos segundo Gampopa. Como descrito anteriormente, a maneira mais adequada de se posicionar seria a de um médico que ao encontrar uma determinada doença ou situação de risco de saúde, sabe qual ou quais procedimentos são os mais apropriados. Do mesmo modo, é inútil estudar os vários caminhos para “carimbar”, fixar, reificar ou classificar a si mesmo e aos outros. Em suma, essas descrições apontam possibilidades de faculdades mentais e os caminhos de saída. É como um clínico geral recebendo um paciente: a intenção dele é ajudar na liberação dessa doença.

Gampopa⁴ descreve nossa verdadeira natureza e os caminhos rumo à liberação da seguinte maneira:

“Todos os seres pertencem a uma família” significa que todos os seres sencientes podem ser categorizados nas cinco famílias do Buda.

Quais são elas? O sumário: (1) a família desconectada, (2) a família indefinida, (3) a família dos Ouvintes, (4) a família dos Realizadores Solitários e (5) a família Mahayana.

Estas são as cinco famílias [caminhos, veículos] do Buda:

(1) Família Desconectada [por vezes, descrita como potencial cortado]

Em primeiro lugar, o que significa o termo “família desconectada”? Ele se refere a seis características, tais como nenhum interesse pelo que os outros pensam, nenhuma modéstia, nenhuma compaixão e assim por diante. O grande *Acharya* Asanga colocou da seguinte forma:

Mesmo ao verem o sofrimento e as falhas do terrível samsara eles não se comovem. Mesmo ao ouvirem sobre as grandes qualidades do Buda eles não possuem fé. Eles não têm modéstia, nenhum interesse pelo que os outros pensam, absolutamente nenhuma compaixão e não experimentam o menor arrependimento ao cometerem, repetidamente, ações não-virtuosas. Aqueles que apresentam estas seis características não têm a chance de trabalhar em direção à iluminação.

Isto também é explicado no *Ornamento dos Sutras Mahayana*:

⁴ Gampopa - O Ornamento da Preciosa Liberação A Jóia que Realiza Desejos Dos Nobres Ensinamentos, p.30 - 32

Existem aqueles que apenas cometem ações não-virtuosas. Existem aqueles que destroem sistematicamente as qualidades positivas. Existem aqueles que não possuem a virtude que conduz à liberação. Assim, aqueles que não têm virtudes não possuem a causa da iluminação.

Em geral, diz-se que aqueles que apresentam tais atributos constituem a família desconectada. Eles vagarão pelo samsara por um longo tempo, mas isto não significa que eles nunca alcançarão a iluminação. Se eles fizessem o esforço, em algum momento até mesmo eles atingiriam a iluminação.

O Buda afirmou no *Sutra do Lótus Branco da Grande Compaixão*:

Ananda! Se um ser senciente que, de outra forma, não teria chance alguma de alcançar a iluminação, visualizasse um Buda no espaço e oferecesse uma flor àquela imagem, o resultado deste ato levaria este ser ao nirvana. No devido tempo, até mesmo esta pessoa atingiria a iluminação. Assim, o nirvana é possível para ele.

(2) Família Indefinida [potencial flutuante]

A natureza da família indefinida depende de causas contribuintes. Se elas seguirem um mestre espiritual Ouvinte, associarem-se a amigos Ouvintes, ou estudarem os diferentes textos dos Ouvintes, então estas pessoas despertarão na família dos Ouvintes. Elas estudarão e seguirão este caminho e tornar-se-ão parte da família dos Ouvintes. Da mesma forma, se estas pessoas encontrarem mestres Realizadores Solitários ou Mahayana, então elas despertarão, respectivamente, na família dos Realizadores Solitários ou na família Mahayana.

(3) Família dos Ouvintes

A família dos Ouvintes é composta por aqueles que temem o samsara e anseiam por alcançar o nirvana, mas que possuem pequena compaixão. Assim foi dito:

Aqueles que têm medo ao verem os sofrimentos do samsara e que anseiam por alcançar o nirvana, mas que possuem pouco interesse em beneficiar os seres sencientes – Estas são as marcas da família dos Ouvintes.

(4) Família dos Realizadores Solitários

A família dos Realizadores Solitários inclui aqueles que possuem os três atributos anteriores e, adicionalmente, são arrogantes, mantêm a identidade de seus mestres secreta, e preferem permanecer em lugares isolados. Assim foi dito:

Medrosos diante da lembrança do samsara, ansiando pelo nirvana, com pequena compaixão, arrogantes, Discretos sobre seus professores, e apreciadores do isolamento – Os sábios deveriam entender que estas são as marcas da família dos Realizadores Solitários.

Assim, estas duas famílias, Ouvintes e Realizadores Solitários, engajam-se em seus respectivos veículos, e mesmo atingindo o resultado de suas práticas, estes resultados não são o nirvana final. Em qual estado eles permanecem ao atingirem seus frutos? Eles sustentam estados de concentração meditativa não-aflitos, mas estes estados se baseiam na marca psíquica da ignorância. Como seus estados de concentração meditativa são não-aflitos, eles acreditam que alcançaram o nirvana, e permanecem nestes estados.

Se estes estados não são o nirvana final, então poderíamos questionar o porquê de o Buda ter ensinado estes dois caminhos. Existe alguma razão para o Buda ter ensinado estes dois caminhos? Sim. Por exemplo, suponham que grandes mercadores deste continente de Jambudvipa estivessem navegando pelos oceanos procurando joias. Após muitos meses no mar, em algum lugar desolado, eles ficam completamente exaustos e cansados e pensam: “Não há mais como conseguir as joias”. Ao se sentirem desencorajados e se prepararem para retornar, o capitão dos mercadores manifesta uma enorme ilha através de seus poderes milagrosos, e permite que todos ali descansem. Após alguns dias, quando todos descansaram e relaxaram, o capitão diz: “Ainda não atingimos nosso objetivo. Agora devemos ir adiante e encontrar nossas joias.”

Da mesma forma, os seres sencientes de pouca coragem se apavoram ao ouvirem sobre a sabedoria do Buda. Eles creem que alcançar a iluminação é muito difícil, e pensam: “Eu não sou capaz de fazer isto.” Existem outras pessoas que não estão interessadas em entrar no caminho, ou que, ao entrarem, voltam atrás. Para combater estes dois problemas, o Buda apresentou estes dois caminhos, e permite que eles descansem nestes estados.

No *Sutra do Lótus Branco do Dharma Sublime* se diz:

Desta forma, todos os Ouvintes pensam que alcançaram o nirvana. Mas eles não atingiram o nirvana final Revelado pelo Buda. Eles só estão descansando.

Quando os Ouvintes e Realizadores Solitários estão bem descansados nestes estados, o Buda percebe a situação e os encoraja a atingir a iluminação. E como o Buda os encoraja? Ele os desperta através de seu corpo, fala e mente de sabedoria.

“Com sua mente de sabedoria” significa que luz se irradia a partir da sabedoria do Buda e toca os corpos mentais dos Ouvintes e Realizadores Solitários. No momento em que a luz os toca, eles despertam de suas meditações não-aflitas. Então, o Buda aparece fisicamente diante deles. Através de sua fala ele diz:

Ó monges! Vocês ainda não terminaram seu trabalho; vocês não finalizaram tudo aquilo que se espera de vocês. A sua experiência de nirvana não é o nirvana final. Assim, todos vocês, monges, devem seguir o caminho para a iluminação. Vocês devem atingir a realização do Buda.

E do *Sutra do Lótus Branco do Dharma Sublime*, em forma de verso:

Monges, hoje eu declaro: Vocês não alcançaram o nirvana final. Para atingir a sabedoria primordial do Onisciente, Vocês devem cultivar grande perseverança. Desta forma, vocês alcançarão a sabedoria do Onisciente.

Motivados pelo Buda desta forma, estes Ouvintes e Realizadores Solitários cultivam bodicita. Eles praticam o caminho do bodisatva por muitas incontáveis kalpas, e, no final, atingem a iluminação. O *Sutra da Jornada a Lanka* relata desta mesma forma. E também, o *Sutra do Lótus Branco do Dharma Sublime* afirma:

*Estes Ouvintes não alcançaram o nirvana.
Praticando completamente o caminho do bodisatva
Eles atingirão a iluminação.*

(5) Família Mahayana

Que tipo de família é a Mahayana? O sumário:

A. Classificação: Esta família possui duas classificações: a família naturalmente manifesta e a família que pode ser perfeitamente desenvolvida.

B. Definição: Em segundo lugar vem a explicação das respectivas “essências” destes indivíduos. A família naturalmente manifesta possui, desde um tempo sem início, o potencial para desenvolver todas as qualidades búdicas através da talidade. A família que pode ser perfeitamente desenvolvida possui o potencial de alcançar as qualidades búdicas através do poder do hábito às raízes de virtude. Assim, ambas têm a chance de alcançar a iluminação.

C. Sinônimos: Os sinônimos de família são potencial, semente, esfera e modo natural de permanência.

D. Superioridade: As famílias dos Ouvintes e Realizadores Solitários são inferiores pelo fato de purificarem apenas o obscurecimento das emoções aflitivas. A família Mahayana é superior por purificar seus seguidores dissipando os dois tipos de obscurecimentos – emoções aflitivas e os obstáculos sutis à iluminação. Portanto, a família Mahayana é superior e insuperável.

E. Características Causais: As características causais desta família são descritas como “desperta” e “não-desperta”. A família desperta alcançou o fruto perfeitamente, e os sinais são muito óbvios. A família não-desperta não alcançou o fruto perfeitamente, e suas marcas não são óbvias. O que poderia causar o despertar desta família? Esta família pode despertar através da liberação das condições desfavoráveis, e através do apoio de condições favoráveis. Se os opostos ocorrerem, então eles não despertarão.

Existem quatro condições desfavoráveis: nascer em condições desfavoráveis, não possuir uma tendência habitual para a busca da iluminação, envolver-se com condições errôneas, e estar muito encoberto por obscurecimentos. Existem duas condições favoráveis: a condição externa de um professor e a condição

interna da mente que deseja adequadamente o precioso Dharma, e assim por diante.

F. **Marcas:** As marcas desta família são os sinais que indicam a família dos bodisatvas. O *Sutra dos Dez Nobres Bhumis* coloca:

*A família dos sábios bodisatvas
Pode ser reconhecida pelos seus sinais.
Assim como o fogo é reconhecido pela fumaça
E a água é reconhecida pelos pássaros aquáticos.*

Neste caso, quais são os tipos de marcas? Seus corpos e fala são naturalmente gentis sem a necessidade de um antídoto. Suas mentes são menos enganadoras, e apresentam bondade amorosa e clareza para com os seres sencientes. Assim, o *Sutra dos Dez Nobres Bhumis* afirma:

*Sem aspereza ou arrogância,
Evitando todo o engano e esperteza,
Apresentando uma atitude clara e amorosa para com todos os seres
sencientes – Este é um bodisatva.*

Em outras palavras, em quaisquer ações preparatórias os bodisatvas sempre cultivam compaixão por todos os seres sencientes, têm grande inclinação pelos ensinamentos Mahayana, não hesitam em enfrentar dificuldades, acumulam de modo completo as raízes de virtude das perfeições. Assim, no *Ornamento dos Sutras Mahayana* se diz:

*Tendo desenvolvido compaixão no estágio de preparação,
Interesse devotado, paciência,
Acumulando perfeitamente as virtudes
– Estes são os sinais da família Mahayana.*

Assim, dentre estas cinco famílias, aqueles que se encontram na família Mahayana estão muito próximos da iluminação. As famílias dos Ouvintes e Realizadores Solitários os conduzirão à iluminação, mas a causa se encontra mais distante e levará um longo tempo. Na família indefinida, alguns estão próximos e outros levarão muito tempo. A família desconectada é conhecida pelo Buda por vagar no samsara por um longo tempo, mas isto não significa que eles não atingirão a iluminação. Eles podem atingir a iluminação, mas levará muito tempo. Portanto, visto que todos os seres sencientes pertencem a uma destas famílias, todos têm a natureza de Buda.

Desta forma, pelas três razões acima, foi demonstrado que todos os seres sencientes possuem a natureza búdica. Além disso, considerem os seguintes exemplos: a prata que se encontra na pepita, o óleo na semente de mostarda, e a manteiga que se encontra no leite. Da pepita de prata podemos extrair prata; da semente de mostarda podemos produzir óleo; e do leite, podemos produzir manteiga. Do mesmo modo, seres sencientes podem se tornar budas.

Como ajudar em cada etapa?

Padma Samten⁵ comenta um pouco sobre como que os ensinamentos se aplicam nesses vários ambientes, porque enfim é o que precisamos saber. Como que nós manteremos a energia [estável, motivação bodicita] nos lugares onde nós estamos? Como fazemos as transições e andamos a partir disso?

Aqui, sintetizamos o caminho em três vertentes: (1) o caminho do ouvinte, (2) o caminho do realizador solitário e (3) o grande caminho.

(1) O caminho do ouvinte (em sânscrito, *saravaka*)

Aqui⁶, nós estamos enfrentando - seja em nós, nos outros, ou em pessoas que nós queremos ajudar - estamos defrontando a situação [aflitiva], não estamos combatendo o outro. [Nesse ponto], o outro acredita que as ações negativas são melhores. Dentro de várias perspectivas de ensinamentos, como que cada uma trataria dessa situação? Nós vamos começar com o caminho saravaka.

O caminho saravaka é o caminho mais antigo. É aquilo que usualmente nós associamos a espiritualidade. Por exemplo, é quase como o recurso que usamos quando vamos encontrar pessoas que estão fazendo coisas erradas. O que nós vamos dizer para eles? “Não faça isso! Pare com isso! Não mate, não roube” e segue uma série de regras. Nós entendemos claramente: “Se você fizer isso, entrará numa complicação!” Então, é um caminho onde entendemos perfeitamente o carma.

Nós usaremos a noção de carma, vamos usar internamente e tentaremos passar para o outro a visão do carma. Se o outro tiver uma mínima condição de entender, explicaremos: “você fazendo isso, olhe! O mundo ao redor perseguirá você, isso é inevitável. As pessoas que fazem isso, a vida delas se reduz. Além do mais, só de pensar em fazer isso, elas se perturbam. Então, elas têm muito mais capacidade de adoecer, de perturbar o corpo, ter uma vida mais curta. Elas serão perseguidas pelos outros. Volta e meia, você não ouve uma história de que alguém estava andando num carro e apareceu uma moto, soltou disparos e sumiu?”

Eu ouvi isso de um matador explicando esse processo dentro da sua dignidade: “a pessoa que morrerá, sabe o motivo de estar morrendo.” Esses dias, eu ouvi algo assim: dois carros cercaram o outro carro, soltaram tiros e foram embora. A avenida ficou interrompida por seis horas. Uma confusão! A pessoa foi executada. “Quando ele começou a levar os tiros, ele sabe o motivo disso.” Porém, antes de levar os tiros nós vamos pensar: “como que a gente organiza os tiros que nós executaremos? Como que propiciamos essa situação que frutificará na forma de sermos executados?” Isso é carma. Nós até dizemos: “Isso é carma de alguma coisa...” Isso é algo super prático! “Não pagou? paga!” Noventa por cento disso está ligado ao tráfego. “Não pagou?” A regra é

⁵ Padma Samten - transcrição livre do retiro “Uma abordagem do Dharma sobre o ponto de vista da energia”, março de 2015, CEBB Darmata, p. 60 - 63;

⁶ Os “blocos” são meios-hábeis usados para descrever os “lugares” onde estamos. No bloco (-1), os seres não têm compaixão, só visão instrumental [segundo Gampopa, a família desconectada ou potencial cortado].

clara. Existe esse processo e nós entendemos perfeitamente como que estruturamos os obstáculos para nós mesmos. É fácil entender isso.

Nesse nível saravaka nós entendemos o carma. Ajudamos o outro a entender: “Pois é, eu acho que já passei do ponto. Como purifico esse carma? Como posso reverter essa situação?” Na visão saravaka, reverteremos essa situação assim: “você muda de nome e foge, irá para um mosteiro e ficará bem quieto. Raspe a cabeça e se vista de outra forma. Se vier alguém e perguntar: “Você é o fulano?” Diga: “Não, aqui ninguém conhece essa pessoa. Aqui é tudo Padma, família Padma isso, Padma aquilo.” “Mas você é parecido!” “Não, eu sou Padma!” “É você!” “Não, realmente é um grande engano. Aquele ser tinha um outro nome, se quiser me matar, tudo bem! Mas eu morri para aquilo e estou aqui.”

Eu vi uma vez nessas tradições evangélicas, algo super hábil. Um pastor evangélico foi fotografado saindo do motel com uma garota super linda. Acho que por inveja, acusaram ele! (risos). Ele saiu todo feliz! No dia seguinte, pensamos: “ele vai se suicidar!” Ele vai para TV e diz: “eu conheço o demônio! Confie em mim! Eu sei como ele é horrível, como ele ataca. Eu fui atingido por ele, confie em mim que eu entendo ele melhor agora.” Isso é uma super habilidade. Eu acho melhor um pastor que já entendeu o demônio tão de perto do que um pastor que está achando que é fácil, ou seja, desde a Eva eles já sabem quem é o culpado.

Existe essa perspectiva saravaka e ela está ligada a obediência. O quê a pessoa pode fazer e o quê ela pode não fazer. O saravaka não faz! É assim. Obedecemos uma regra e não fazemos. É super simples. Só que isso não tem dado certo desde o período de Abraão, não tem funcionado. Especialmente com respeito a mulher do próximo...

A perspectiva do saravaka é isso: olhamos e obedecemos a regra. Manteremos, criaremos um tipo de vida, totalmente estruturado onde não conseguimos ter um espaço para ação não-virtuosa. A pessoa vive em grupo, todo mundo olhando um para o outro e a vida segue totalmente estruturada. A cada minuto, a pessoa sabe exatamente o que fazer; tem sempre alguma coisa para fazer. Não tem nada que a pessoa comece e termine sem rezar e sem agradecer.

Quando a pessoa vai ao banheiro tem uma prece para antes e uma prece para depois. Tem uma visualização de que estamos beneficiando os seres. Quando nós apertamos a descarga, pensamos: “estamos beneficiando os seres”. Imaginamos que aquilo será ótimo para eles. Ninguém que não seja beneficiado em nenhuma etapa, aquilo tudo direitinho. Aquilo realmente é um néctar precioso. Então, não tem um lugar onde a pessoa não esteja nesse ponto.

(2) O Caminho do realizador solitário (em sânscrito, pratyekabuddha)

O caminho pratyekabuddha, é parecido com um caminho saravaka só que a pessoa tem, por mérito de vidas anteriores, e pelo fato de que ela tem a natureza primordial, ela tem flashes de lucidez. Então, ela privilegia muito esse flash de lucidez e ela tem a aspiração de se isolar para isso poder “baixar.” Ela tem um entorno semelhante ao saravaka, mas ela tem uma aspiração de

isolamento para aquilo poder vir com clareza na mente dela. Esse é o caminho pratyekabuddha.

Por exemplo, a pessoa está fazendo coisas equivocadas dentro do samsara e nós a ajudamos a não seguir assim por obediência e ajudamos essa pessoa a localizar esses flashes de lucidez dentro dela e pode ser que ela decole [no caminho]! Ela irá para uma comunidade saravaka ou ela irá para uma vida pratyekabuddha. Ela pode ter essa transição direta. Mas, se a pessoa estiver na perspectiva Arhat, como é que o Arhat vê a liberação?

O Arhat olha para pessoa e diz: “ainda que tudo apareça ao seu redor, e esteja lhe arrastando de um lado para o outro, você descubra uma estabilidade dentro de você, e essa estabilidade, pode ser treinada. Ela se torna inabalável. Assim, você não será arrastado pela multiplicidade das aparências, você se livra disso.” Esse é o caminho Arhat.

Qual a diferença dentro disso para o saravaka? O saravaka é assim: “eu não tenho essa estabilidade, mas eu tenho a capacidade de não seguir o que eu não devo seguir. Eu não sigo por obediência.” No caminho pratyekabuddha, eu não sigo mas tenho flashes de lucidez, de clareza sobre as coisas. Então, esses flashes apoiam o não seguir. Se eu seguir, os flashes desaparecem. No caminho Arhat, eu treino Shamata e descubro uma estabilidade interna e tomo refúgio nessa estabilidade. Eu me torno insensível a aparência das coisas. São as três experiências do caminho inferior, dizemos caminho inferior só para incomodar mesmo pois não há caminho inferior. Todos os caminhos são super úteis.

(3) O grande caminho (em sânscrito, Mahayana)

Surge o caminho Mahayana. Nós olhamos a pessoa que está fazendo ações não-virtuosas e nós vamos argumentar de vários modos. Nós retornamos a noção do carma e questionamos: “Você agindo assim, está causando problemas para os outros e você está causando problemas para si mesmo. Se você tem existo nisso, você tem a tendência a se manter assim. Se os outros tem êxitos nisso, eles têm a tendência a repetir as ações. Isso estrutura o comportamento cármico.

Então, observe, quando as pessoas fazem ações negativas, elas estão criando o buraco de fogo onde elas irão arder ali dentro, sem chance. Então, olhe para eles. Mesmo que as pessoas façam coisas muito horríveis para vocês, vejam, se eles tiverem êxito nisso não é porque eles não têm êxito que eles sofrerão, eles sofrerão porque eles têm êxito. Eles estão montando um buraco de fogo onde mais adiante irão queimar ali dentro. Eles irão queimar e não conseguirão sair porque só conhecem esse tipo de vida e as coisas todas desabarão em cima deles.

Então quando você for atingido e encontrar coisas negativas ao redor, diferentemente do saravaka que apenas manterá uma disciplina, diferentemente dos pratyekabuddhas que mantêm disciplina e tem visões, diferente dos arhats que geram uma estabilidade, você irá gerar compaixão de todo mundo que você vê fazendo algo equivocado. Essa compaixão não é teórica, você está vendo o que acontecerá a eles. Essa compaixão é extraordinária.

Em primeiro lugar, brota uma energia em você. Se você comparar com os saravakas, se eles não seguem aquilo, o impulso deles, a energia deles baixa. Eles tem até dúvida: ‘eu deveria bater, mas não vou.’ Eles contêm a energia ao invés de gerá-la. Eles se usam da disciplina.” Vocês podem observar em ambientes onde têm pessoas que elas nem falam, elas estão só cortando a energia. Porque? Porque se aquilo brotar dá uma confusão! Desconfiem dos que estão quietos demais... De modo geral, ali tem um vulcão que não está podendo se manifestar.

Na perspectiva Mahayana, brota compaixão, a energia aparece. A pessoa começa a olhar para outros e brota energia pelos outros. Ela começa a andar por uma energia própria, pela própria compaixão, e ela não está isolada. A chave para brotar essa relação, essa energia, é a compaixão. Mais adiante, essa compaixão irá virar bodichita, se fundirá com bodichita.

Bodichita significa que eu estou compreendendo o que está acontecendo de fato, eu não estou compreendendo apenas o carma. Mas neste momento, se eu entendo a noção de explicar o carma, isso está bem porque já brota compaixão porque eu estou vendo a coisa complexa. Por outro lado, dentro da noção do carma, se eu sigo as coisas negativas, eu terei problemas. Aquilo é visível. Mas, eu também não preciso me culpar. Eu gero uma compaixão em relação a minha própria ação. Eu vejo um certo nível de sabedoria: “isso é o carma. Se, eu não estou livre do carma eu apronto. Eu refaço os meus votos, simplesmente isso.” Isso é a perspectiva Mahayana.

Nós estamos dentro da linguagem Mahayana, cada uma dessas abordagens é útil. Nos ensinamentos mais elevados, eles dizem: “você comece na perspectiva saravaka e você irá agregando as outras perspectivas, você refina isso.” Dentro da visão Mahayana, nós introduzimos o Prajnaparamita, ou seja, nós introduzimos a visão da vacuidade.

Então, quando olhamos os seres que estão fazendo tudo errado (bloco -1), teremos compaixão. Nós mesmos não estamos fazendo aquilo, temos uma abordagem onde nós temos uma estabilidade, nós agregamos essa estabilidade a compaixão e agora temos: comportamento, compaixão, estabilidade e nós agregamos a visão vipashyana [Prajnaparamita].

Nós entendemos o que está acontecendo na frente. Esses seres que estão imersos nos infernos, nós os ajudamos a entender: “Veja! O que você está olhando desse modo, é inseparável de um conteúdo interno de você. Se você mudar esse conteúdo interno, aquilo aparece de outro jeito, se mudar de novo, aparece de outro. Aquilo não é assim, não é preciso pegar aquilo sólido e pensar que aquilo é externo a você e que você foi atingido desse modo. Você pode ter compaixão pelas pessoas que estão assim, e você praticar, por exemplo, ação de poder – não se perturbar – e olhar com sabedoria do espelho, veja como que o outro está operando. Você perceberá que não conseguirá nem criticar, porque o que o outro está fazendo está na frente dele. Você terá que ser hábil, você não irá fixá-lo naquilo e nem baterá nele.”